

ÍNDICE

A Queda	11
Hospital Gemelli, Roma	15
Hospital de Santa Lucia, Roma	45
Hospital de Chelsea e Westminster, Londres	147
Hospital de Charing Cross, Londres	161
Hospital Ortopédico, Stanmore	207
Agradecimentos	263

Para a Isabella

Este livro começou como uma série de comunicados ditados da minha cama de hospital em Itália, e mais tarde em Londres, após o meu acidente no dia 26 de dezembro de 2022. A minha companheira, Isabella, e os meus filhos foram anotando as minhas palavras ao correr dos acontecimentos. Desde então, essas anotações foram corrigidas, revistas e ampliadas pelo mesmo método, trabalhando com o meu filho Carlo, na minha casa na zona oeste de Londres, onde me encontro atualmente.

A QUEDA

No dia 26 de dezembro, em Roma, depois de uma agradável caminhada até à Piazza del Popolo, seguida de um passeio pela Villa Borghese, e depois do regresso ao apartamento, sofri uma queda.

Sentado à mesa da sala de estar da Isabella, com o meu iPad à frente, acabara de ver Mo Salah a marcar contra o Aston Villa. Estava a bebericar uma cerveja quando comecei a sentir uma tontura. Inclinei-me para a frente e pousei a cabeça entre as pernas; acordei alguns minutos depois numa poça de sangue, com o pescoço numa posição grotescamente torcida e a Isabella ajoelhada ao meu lado.

Apercebi então o que só pode ser descrito como um objeto semicircular, em forma de concha e com garras a avançar para mim. Empregando o que restava da minha razão, vi que era uma das minhas mãos, uma coisa estranha e sobre a qual não possuía qualquer controlo.

Ocorreu-me que não havia coordenação entre o meu cérebro e o que restava do meu corpo. Encontrava-me separado de mim mesmo. Acreditei que estava a morrer, que estava no meu último suspiro. Parecia uma forma ignóbil, miserável, de partir.

Diz-se que, quando estamos prestes a morrer, a nossa vida nos passa diante dos olhos, mas no meu caso não foi no passado que pensei, mas no futuro — em tudo o que me estava a ser roubado, todas as coisas que desejava fazer.

HOSPITAL GEMELLI, ROMA

Eu e a Isabella vivemos em Londres, mas estávamos a passar o Natal no apartamento dela em Roma, e foi lá que sofri a minha queda, sentado à grande mesa redonda, coberta de livros e papéis, onde trabalhamos juntos de manhã.

Na casa de banho, ela ouviu o meu grito desesperado, entrou na sala e chamou uma ambulância. Salvou-me a vida e manteve-me calmo, agachada ao meu lado. Eu disse-lhe que queria falar pelo FaceTime com os meus três filhos, para me despedir, mas a Isabella disse que não era boa ideia, que os iria deixar chocados e assustados.

Passei alguns dias profundamente traumatizado, alterado e irreconhecível para mim próprio.

Agora estou no Hospital Gemelli, em Roma. Não consigo mexer os braços nem as pernas. Não consigo coçar o nariz, fazer uma chamada telefónica ou comer por mim mesmo. Como podem imaginar, isto é humilhante e degradante, tornando-me um fardo para os outros. Segundo o relatório do hospital, a minha queda resultou numa hiperextensão do pescoço e em tetraplegia imediata. Uma ressonância magnética revelou uma estenose grave do canal vertebral, com sinais de lesão da medula espinal entre as vértebras C3 e C5.

Numa linguagem mais simples, as vértebras do topo da minha coluna sofreram um traumatismo. Fui operado ao pescoço para aliviar a compressão na coluna, onde se verificou a lesão, e apresentei pequenas melhorias motoras.

Tenho sensibilidade e alguma capacidade de movimento em todos os membros, não sofri aquilo a que eles chamam uma “rutura completa”. Vou começar a fisioterapia e a reabilitação logo que seja possível.

De momento, não se sabe se poderei voltar a andar, ou se alguma vez poderei segurar uma caneta. Estou a transmitir estas palavras através da Isabella, que as vai escrevendo lentamente no seu iPad. Estou determinado a continuar a escrever, nunca foi tão importante para mim como agora.

06/01/2023

Não fui uma criança feliz, mas também não fui infeliz. Quando aprendi a ler, senti-me livre. Podia ir a bibliotecas todos os dias, amiúde acompanhado pela minha mãe, e percebi que os livros eram uma forma de sair do ambiente que me rodeava.

Em breve aprendi a andar de bicicleta. Podia explorar sozinho as ruas e os campos dos subúrbios semirurais onde cresci. Era num condado chamado Kent, que havia sido fortemente bombardeado não muitos anos antes de eu nascer.

Naquele tempo, as crianças eram menos policiadas pelos pais. Davam-nos um cêntimo de manhã e não esperavam tornar a ver-nos até ao fim da tarde. Eu andava de bicicleta o dia todo, parava onde me apetecia e falava com quem tivesse uma história para me contar. Ainda hoje sou assim.

O terceiro fator na minha libertação foi a descoberta do manual de datilografia do meu pai. Ele tinha sido jornalista e estava a escrever ficção. A sua vigorosa datilografia, em sedutoras mangas de camisa, impressionava.

Um dia comprou uma pequena máquina de escrever portátil, numa mala azul, e tinha nela um orgulho incrível. Pôs-se a girá-la dum lado para o outro, porque era leve, e

de repente anunciou que ia para o Vietname para ser correspondente de guerra como o Hemingway ou o Norman Mailer.

Eu comecei a vender os olhos com a minha gravata da escola e descobri que conseguia datilografar corretamente as palavras sem olhar o teclado.

Era empolgante. Na altura, eu estava a ler *Crime e Castigo*, sempre uma leitura animadora para um jovem, e para me exercitar comecei a copiar páginas desse grande romance.

Na escola, eu tinha sido um desastre, mas finalmente tinha descoberto algo que era capaz de fazer. Nunca tive o desejo de escrever histórias submarinas, de aventuras, nem contos fantásticos com gigantes, anões, elfos ou sereias.

Não sabia muito sobre essas coisas, mas conhecia as pessoas à minha volta. E acho que isso me converteu numa espécie de escritor realista. Um dia, enquanto olhava pela janela da escola, disse para mim mesmo que era escritor.

Achei que o título me assentava tão bem como uma boa camisa. Ansiava por ouvir as pessoas referirem-se a mim por esse termo, apesar de ainda não ter escrito nada.

No fim de contas, na escola já se tinham referido a mim por muitas palavras, como “escurinho”, “Paqui” ou “merdoso”*, por isso encontrei a minha própria palavra, agarrei-me a ela e nunca mais a larguei. Continua a ser a minha palavra.

Peço desculpa, agora tenho de fazer um clister.

A última vez que um dedo médico entrou no meu tra-seiro foi há poucos anos. Quando a enfermeira me virou,

* “Brownie”, “Paki” e “Shit-face” no original. (N. T.)

perguntou-me: “Quanto tempo levou a escrever *Os Filhos da Meia-Noite*?” Respondi-lhe: “Se tivesse sido eu a escrever esse livro, não acha que teria ido para um hospital privado?”

07/01/2023